

CONCURSO EU SOU A NATUREZA (últimos textos)

101

Silvana Mendes Martim
Rosemary Gomes Perdigão
Bruno de Matos Rodrigues

Alunos da EJA BH – CAC Barreiro

Não somos donos da natureza, mas fazemos parte dela. Estamos descobrindo que cada um tem seu lugar. Temos que nos conscientizar e respeitar a natureza, cuidar das florestas, dos animais e de todos os seres vivos.
Só assim teremos um futuro melhor e consciente, vivendo em harmonia com o planeta.

102

Romero Teixeira Siqueira – aluno da EJA BH – CAC Barreiro

Eu fico triste,
porque
estão acabando com as águas,
a fauna,
o verde,
a biodiversidade
e os pássaros.
Acabando com o oxigênio!
Eu sou a Natureza!

103

Maria Lucilene de Souza dos Anjos – aluna da EJA BH – CAC Barreiro

Eu sou a vida!
Preciso de água e cuidados. Eu sou o verde!
Preservar a fauna e a flora é uma das partes mais importantes da vida, porque todos nós fazemos parte da natureza.
Eu fico triste porque estão acabando com o oxigênio da natureza. Desmatar a mata verde é desmatar a própria vida.

104

Bruna Bukelly de Souza Lourenco, Marcele Dias Rosa e Natália
Rodrigues de Oliveira - 3º ano do 3º ciclo
E. M. Carmelita Carvalho Garcia

Sou a natureza pura e inocente

Sou a natureza pura e inocente,
tentando me livrar da poluição,
que vem causando essa multidão,
deixando-me muito mal e doente.
No nosso ar tem muito poluente,
na nossa terra, lixo de montão,
o mar ficou sem a respiração.
Quem sofre com isso tudo é a gente.
O que se pode então fazer agora,
para se ver o bem da natureza?
O tempo passa, está chegando a hora,
já não aguento mais essa fraqueza.
Venham, me ajudem logo e sem demora!
Pra que não se finde a minha beleza...

105

A MENINA E O PEIXINHO AZUL

Rosely Moraes e Wesley Viana – auxiliar de biblioteca e professor
CIAC Lucas Monteiro Machado

ALICE VIVIA EM UMA CIDADEZINHA BEM DISTANTE DO CENTRO URBANO.
ELA ERA UMA MENINA MUITO DÓCIL E MEIGA, AMAVA A NATUREZA.

A CIDADE EM QUE ELA MORAVA ERA TRANQUILA E BONITA. LÁ, A
NATUREZA HAVIA SE ENCARGADO DE DESENHAR AS MAIS BELAS
PAISAGENS. AS MATAS ERAM VERDES E NÃO EXISTIA NENHUM GALHO DE
ÁRVORE SECO.

NA PRIMAVERA, AS MATAS ENCHIAM-SE DE FLORES DE TODAS AS CORES QUE DAVAM MAIS BELEZA E ALEGRIA À CIDADE. EXISTIAM MUITAS CACHOEIRAS QUE DESLIZAVAM SOBRE AS ROCHAS E IAM DESAGUAR EM UM BELO VALE, FORMANDO O CURSO DO RIO MAIS CALMO QUE SE PODE IMAGINAR. ESSE RIO CHAMAVA-SE RIO MANSO.

QUASE TODOS OS DIAS, ALICE E SEUS AMIGOS IAM BANHAR-SE NESSE RIO. NÃO HAVIA NADA MAIS GOSTOSO PARA ELES. ERA ALI QUE PASSAVAM OS MELHORES MOMENTOS DE SUAS VIDAS.

CERTA VEZ, ALICE FOI PARA O RIO MANSO SOZINHA, POIS SEUS AMIGOS NÃO PUDEAM IR NAQUELE DIA. CHEGANDO LÁ, PÔS-SE A NADAR. E COMO ESTAVA MUITO SÓ, NÃO ACREDITOU NA VOZ QUE OUVIA. ERA UMA VOZ DIFERENTE, MAS MUITO MELODIOSA.

- EI, EI! VAMOS BRINCAR?

- QUEM ESTÁ AÍ? - ALICE RESPONDEU.

- SOU EU.

- EU QUEM?

- EI! AQUI. OLHE PARA BAIXO.

ALICE OLHOU E VIU UM LINDO PEIXINHO AZUL. FICOU ENCANTADA COM SUA BELEZA.

- HÃ! VOCÊ FALA?

- SIM , SIM. QUAL É O SEU NOME? - PERGUNTOU O PEIXINHO.

- EU ME CHAMO ALICE.

- QUE NOME LINDO ! EU SOU O PEIXINHO AZUL. AQUI NESTE RIO TODOS OS PEIXES SÃO AZUIS.

- NOSSA, COMO VOCÊ É LINDO! - DISSE ALICE.

- QUERO SER SEU AMIGO. PODEMOS NADAR JUNTOS? VOU TE LEVAR PARA CONHECER LUGARES MARAVILHOSOS ONDE NINGUÉM NUNCA CONSEGUIU CHEGAR, SOMENTE OS PEIXES. VAMOS! VAMOS! ALICE. NÃO TENHA MEDO. VENHA COMIGO.

E LÁ SE FORAM OS DOIS NADANDO E BRINCANDO POR ENTRE AS ROCHAS QUE HAVIA NO FUNDO DO RIO. ALICE SE DIVERTIA MUITO COM SEU NOVO

AMIGO, O PEIXINHO AZUL. ELA IA NADANDO E ADMIRANDO OS LINDOS LUGARES QUE SEU AMIGO IA LHE APRESENTANDO. ALICE FICOU ENCANTADA COM TANTA BELEZA. FICOU CONHECENDO VÁRIOS PEIXES, ALGUNS ENGRAÇADOS E OUTROS DIFERENTES, MAS TODOS MUITO BONITOS. A MENINA NÃO TINHA MAIS MEDO. SENTIA-SE SEGURA AO LADO De SEU AMIGO.

O PASSEIO FOI TÃO LONGO E BELO QUE ALICE ESQUECEU-SE DE VOLTAR PARA CASA. OS RAIOS DO SOL JÁ NÃO BRILHAVAM COM TANTA INTENSIDADE E JÁ ESTAVA FICANDO ESCURO. ALICE ENTÃO SE LEMBROU QUE DEVERIA ESTAR EM CASA ANTES QUE ESCURECESSE PORQUE TERIA QUE PASSAR PELA MATA.

Ela DISSE A SEU AMIGO QUE A LEVASSE DE VOLTA ATÉ AS MARGENS DO RIO. O PEIXINHO CONCORDOU E A LEVOU RAPIDAMENTE.

ALICE DISSE UM ADEUS COMO SE QUISESSE FICAR E ELE RESPONDEU:

-VOLTE AMANHÃ, ALICE. ESTAREI AQUI TE ESPERANDO E ASSIM PODEREMOS BRINCAR MUITO MAIS.

NOS DIAS QUE SE PASSARAM, ALICE VOLTOU DIVERSAS VEZES AO RIO PARA BRINCAR COM O PEIXINHO AZUL. ELA CONVIDOU SEUS AMIGOS PARA CONHECEREM O PEIXINHO E, JUNTOS, PASSEARAM PELAS CORRENTEZAS TRANQUILAS DO RIO.

MAS COM O TEMPO, ALGUMAS COISAS COMEÇARAM A MUDAR NA CIDADE DE ALICE. FÁBRICAS COMEÇARAM A SER CONSTRUÍDAS, AS RUAS DE TERRA FORAM SUBSTITUÍDAS POR ESTRADAS ASFALTADAS, HAVIA MUITA FUMAÇA SAINDO PELAS CHAMINÉS DAS FÁBRICAS.

NINGUÉM RESPEITAVA MAIS A NATUREZA. AS FÁBRICAS COMEÇARAM A JOGAR RESÍDUOS QUÍMICOS NO RIO. SUAS ÁGUAS, QUE ERAM LÍMPIDAS E PURAS, COMEÇARAM A SE POLUIR.

UM DIA, ALICE FOI AO RIO COMO SEMPRE COSTUMAVA FAZER. MAS DESTA VEZ O PEIXINHO AZUL NÃO ESTAVA LÁ. ELA CHAMOU E CHAMOU VÁRIAS VEZES, ATÉ QUE FINALMENTE UM PEIXINHO APARECEU.

O PEIXE ERA CINZA E TRISTE, MUITO DIFERENTE DO AMIGO DE ALICE. MAS MESMO ASSIM, ELA SENTIA QUE O CONHECIA DE ALGUM LUGAR.

- POR QUE VOCÊ É CINZA? EU PENSEI QUE TODOS OS PEIXES DAQUI FOSSEM AZUIS.

ELE NÃO RESPONDEU. FICOU APENAS OLHANDO PARA A MENINA, COM OS OLHOS TÃO TRISTES QUE ALICE TEVE VONTADE DE CHORAR.

-OH, PEIXINHO! ME DIGA POR QUE VOCÊ ESTÁ TRISTE DESSE JEITO. EU QUERO AJUDAR.

ELE OLHOU PARA ALICE E MOSTROU-LHE O RIO. ENTÃO, FINALMENTE A MENINA COMPREENDEU. AS ÁGUAS ESTAVAM ESCURAS E CHEIAS DE LIXO. ALICE HAVIA SE ACOSTUMADO TANTO COM O CRESCIMENTO DA CIDADE QUE NEM REPAROU COMO O RIO E A MATA ESTAVAM FICANDO POLUÍDOS.

-MAS ONDE ESTÁ O MEU AMIGUINHO, O PEIXINHO AZUL?

ELE APENAS OLHOU PARA ELA E ALICE PERCEBEU QUE AQUELE PEIXE ERA O SEU AMIGO, O PEIXINHO AZUL. O RIO ESTAVA TÃO POLUÍDO QUE TODOS OS PEIXINHOS HAVIAM FICADO CINZAS POR CAUSA DA SUJEIRA.

ALICE PRECISAVA FAZER ALGUMA COISA. ELA CHAMOU TODOS OS SEUS AMIGOS E COMEÇARAM A TRABALHAR PARA DESPOLUIR O RIO. ELES SE TORNARAM PROTETORES DA NATUREZA, FORAM ÀS FÁBRICAS E CONVIDARAM OS PROPRIETÁRIOS PARA CONHECEREM SEU AMIGO, O PEIXINHO QUE ERA AZUL.

CHEGANDO AO RIO, ALICE CHAMOU O SEU AMIGO. ELE CONTOU AOS PROPRIETÁRIOS DAS FÁBRICAS A HISTÓRIA DE COMO TODOS OS PEIXES DAQUELE RIO ERAM AZUIS E FELIZES E DE COMO ELES SE TORNARAM TRISTES E SEM COR APÓS A CHEGADA DAS FÁBRICAS POR CAUSA DA POLUIÇÃO. OS PROPRIETÁRIOS FICARAM MUITO COMOVIDOS COM A HISTÓRIA DO PEIXINHO. DEPOIS DAQUELE DIA NUNCA MAIS JOGARAM RESÍDUOS QUÍMICOS NO RIO. ASSIM, AS ÁGUAS SUJAS AOS POUCOS FORAM SE TORNANDO LIMPAS NOVAMENTE. OS PEIXES COMEÇARAM A VOLTAR, TODOS AZUIS, FELIZES E SALTITANTES.

O PEIXINHO AZUL AGRADECEU MUITO A ALICE:

- OBRIGADO, MINHA AMIGA. SEM VOCÊ E AS OUTRAS CRIANÇAS, O RIO TERIA MORRIDO E NÓS, OS PEIXINHOS, TERÍAMOS MORRIDO JUNTO COM ELE. VEJA COMO ESTOU BONITO, TODINHO AZUL.

O PEIXINHO SALTOU E AS ÁGUAS LÍMPIDAS DO RIO MOLHARAM O ROSTO DE ALICE. O SOL BRILHOU E UM LINDO ARCO-ÍRIS APARECEU NO CÉU ENFEITANDO A MATA, O RIO, E TODOS OS LINDOS PEIXINHOS AZUIS QUE ALICE E SEUS AMIGOS HAVIAM AJUDADO A SALVAR.

106

MATEUS – 8ª. - manhã

ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR CARLOS LACERDA

EU SOU A NATUREZA

Hoje em dia as pessoas acham que a natureza não tem vida.

Muito pelo contrário,

da natureza se tira alimento, remédios e muitas outras coisas.

Por isso, temos que preservar essa riqueza natural de nosso país:

não deixar lixo espalhado pela rua

ajudar na coleta seletiva e ajudar em projetos sociais.

Assim, construiremos um país melhor para se viver.

107

CAROLINA DOS SANTOS PEREIRA – 2º. ano 2º. grau

ESCOLA MUNICIPAL HILDA RABELLO MATTA

RESPEITANDO A NATUREZA

Para mim, viver é ter valor e qualidade de vida, e ter consciência para com o meio ambiente,

não poluindo rios e reciclando as coisas como latas, plásticos, vidros etc.

Mas a dependência do homem em relação à natureza vem acabando não só com ela mas também com nossa qualidade de vida e saúde. Sem o meio ambiente não há qualidade de vida e sem qualidade de vida não há saúde.

E sem saúde não temos como lutar para termos uma condição melhor de vida.

Outra coisa que vem destruindo nossa qualidade de vida é o uso de agrotóxicos.

Os agrotóxicos são utilizados para a limpeza dos rios e mares, e até mesmo para o cultivo de alguns alimentos. Assim, eles os contaminam. E também somos contaminados ao ingerirmos esses alimentos.

É por isso que viver e ter valores é uma boa.

Para que possamos ter maior qualidade de vida e também para preservarmos a natureza!

108

MIKAELE LORRAINE DINIZ DA COSTA - ALUNO

ESCOLA MUNICIPAL ANTONIO ALEIXO

A NATUREZA

A natureza na nossa vida é muito importante porque sem ela nós não viveríamos porque não teríamos água, árvores, pássaros, borboletas etc.

Você, que está lendo esse texto, gosta de sombras? Se você gosta de sombras, não desmate a natureza. Deixo-lhe um recado: não desmate a natureza pois mais tarde ela vai fazer muita falta em sua vida.

109

Tristão José Macedo - professor

Escola Municipal Paulo Mendes Campos

PREVENÇÃO

Já não se ouve a voz da mata,
os pássaros ficaram calados;
turbou-se a bela cascata,
só ficamos nós, homens,
esses animais danados,
que, sem dó nem piedade,
destruímos os ipês floridos,
que agora, são apenas saudades
de belos dias idos.

O que será da Serra da Canastra,
berço do “Velho Chico”,
se não apagarmos o fogo,
que lambendo tudo, se alastra?

Eia... irmãos, acordemos
brava gente brasileira,
despertemos, por um segundo,
porque as novas gerações
ouvirão falar de um país verde-amarelo,
onde cantava o sabiá,
país celeiro do mundo!

Naqueles dias que virão.
nossos filhos olharão a bandeira e curiosos indagarão:
– O que representam o verde, o branco, o amarelo e o azul anil?
E não saberemos responder.
O que fizemos do Brasil?
Não nos assustemos,
se eles nos odiarem!

110

Tristão José Macedo - professor

Escola Municipal Paulo Mendes Campos

A MORTE DOS BATRÁQUIOS

Eles ouviram a notícia da morte dos batráquios pela televisão. O noticiário não explicou direito a região do planeta em que acontecia o desaparecimento dos batráquios.

Cecília comentou com o marido sobre a necessidade de se fazer alguma coisa urgente senão a vida de todo mundo estaria ameaçada. A verdade é que, a cada dia, diminuía as áreas verdes e os lagos.

- Tivemos até que mudar de onde morávamos por causa do lixo e do esgoto jogados perto de casa, lembra? – comentou Anuro, o marido de Cecília.

– Se lembro... – Cecília limpava o fundo do aquário.

Anuro, assentado no sofá, lia o jornal do dia. Procurou e, na quarta página do jornal, numa notinha muito pequena, estava a notícia sobre a extinção dos batráquios. Chamou a mulher e os dois começaram a ler. O repórter havia coletado a opinião de vários ambientalistas e cientistas em Ecologia. Nem sequer uma palavrinha de algum batráquio. Afinal, o interesse era dos batráquios e eles nem foram entrevistados.

Cecília e Anuro resolveram fazer uma investigação na Lagoa onde estava acontecendo a morte dos batráquios. Conversaram com a comunidade e concluíram que o

lixo e o constante assoreamento de obras em algumas construtoras eram os causadores da destruição do habitat dos batráquios. Os dois ficaram injuriados e decidiram que não poderiam ficar de braços cruzados. Convocaram todo o pessoal da região para discutirem como deveriam agir na preservação da Lagoa. Alguns se interessaram de imediato e outros ficaram de corpo mole. Cecília e Anuro sabiam que a luta teria algumas dificuldades.

O calor do sol ressecava as suas peles nuas e a metamorfose dos batráquios ficava impedida pelo excesso de lixo e pelo detrito junto às larvas. Cecília se entristecia ao saber que milhões de batraquiosinhos não conheceriam a transparência das águas de um lago, a frescura debaixo de uma folha na mata e tantas maravilhas que a natureza pode oferecer.

Com o primeiro movimento, os moradores da região da Lagoa conseguiram do prefeito a promessa de construir um parque ao redor da Lagoa. Anuro propôs que continuassem o movimento até o término das obras de construção do parque.

Um ano depois, a comunidade teve que se reunir novamente em torno de Anuro e Cecília em defesa da continuidade de construção do parque e preservação da Lagoa. Sem mais nem porquê a obra havia parado.

Dessa vez, a comunidade estava furiosa. Resolveram então fazer uma greve. Mas como? Afinal, os batráquios fariam greve de quê?

Cecília sugeriu que todos os batráquios do mundo inteiro ficassem sem comer até que as autoridades se manifestassem a favor da fauna e da flora ameaçadas. Ela foi aplaudida de pé.

Fizeram os devidos encaminhamentos e iniciaram a greve. Podia ser a mais apetitosa mosca que fosse, nada fazia com que os batráquios quebrassem a greve de fome.

Depois de dois dias de greve, o cansaço começou a dominá-los. A fome apertava. Cecília e Anuro continuavam firmes em seus propósitos. Afinal, a Lagoa precisava ser respeitada.

No final da noite do segundo dia, Cecília foi levada às pressas para o hospital. Precisou ser alimentada através de soros. Ela pedia o tempo todo que queria morrer lutando a deixar que toda a sua espécie fosse eliminada da face da Terra.

Na região da Lagoa, as obras continuavam paradas.

No hospital, Cecília morria.

Até hoje, os batráquios continuam sua luta pelo término da construção do parque e para tal deflagraram uma campanha em nível nacional: “Luto, até que as obras terminem”.

Enquanto eu te contava esta história, uma salamandra atravessava o pátio da Prefeitura Municipal.

Juliana Helena Gomes Leal

Escola Municipal Maria de Magalhães Pinto

Amores perros

Francisco

(sempre presente)

Já! Confesso: chorei mais por um animal que por um ser humano.

Cheguei a me autopunir por derramar mais lágrimas pela morte de uma chiuaua que pela do meu pai.

Mas é que ela tava lá todo dia. E ele não...

Mas é que ele me deixava, às vezes, com medo. E ela, ainda que tentasse, não.

Dia desses, fazia uma caminhada e vi, de longe, um mendigo, olhando fixamente para um ponto na calçada. Fiquei curiosa. Inevitável. À medida que andava, constatei que era para um amontoado de panos que ele olhava. Achei esquisito.

Mais de perto, vi, em meio àqueles panos, a carinha de um cão. De tão excessivamente embrulhado, só se podia ver um focinho úmido e dois olhinhos entregues ao cansaço.

Não resisti. E com a mesma “naturalidade” que usamos pra perguntar aos nossos amigos sobre coisas pessoais, indaguei, tentando disfarçar minha apreensão: “— O que houve?”

Pausa.

Por um segundo, cheguei a me arrepender por tamanha intromissão.

E o dono, sem desviar, um só segundo seus olhos enfermeiros do cão, respondeu, com a melancolia mais doída que senti na vida: “— Ele tá gripado...”.

Continuei andando. Mas, dessa vez, em lágrimas e pensando nessa coisa louca que é se entregar pra alguém. Pra alguma coisa.

Olhei, ainda, um par de vezes, pra trás e o homem continuava se empenhando — como se em torno dele não houvesse carros e pessoas indo e vindo — em cuidar daquele serzinho.

Dias depois, escutei estupefata: “— Por que você não morre, cachorra? Por que você não morre logo?”

Tenho pena da *poodle* cinza que mora aqui ao lado. Pra quem foram dirigidas ditas perguntas. Animalzinho que, muito provavelmente, não sabe o que é ser amado. E, talvez, por isso, não possa se doar mais do que, instintivamente, tenta a diário. E inutilmente.

Tenho inveja do vira-lata do mendigo que vi na rua. A *poodle*, se visse aquela cena, também teria.

Mas é melhor mesmo que ela não saiba. Porque sua dor seria maior e mais insuportável. Porque não há maneira de ser infeliz diante de uma entrega tão total. De um amor tão bonito.

Mas há um turbilhão de sentimentos aqui dentro. E chego a desejar sua morte, antes que ofertá-los pra algo (ou alguém) que não possa perceber, sequer, sua existência.

Mas aí vem a danada da Clarice e me tira desse abismo: “Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”.

112

Flávio Martins da Silva professor

Escola Municipal Sonia Braga da Cruz Ribeiro Silva

A carne

- A carne acabou!

- Mas eu quero! — é o que Carlinhos, nos seus seis anos de idade, exige durante o almoço.

- Menino, em casa de pobre tem carne todo dia não. Carne é coisa chique, custa dinheiro.

- Mãe, a carne é feita de quê?

- Carne vem de bicho. Vem de boi, galinha, porco, esses bichos todos. Todos os bichos são feitos de carne.

- Até o Veloso, mãe? – pergunta o menino sobre o cachorro da casa.

- Até o Veloso, Carlinhos. Até a gente é feita de carne.

O menino fica pensando por alguns instantes e em seguida, triste, come o arroz com tomate.

Carlinhos vai pra escola ainda pensando na carne que não comeu. Talvez coma carne na escola.

Vem a merenda e, nada!

- Fessora, tem carne hoje não?

- Não, Carlinhos. A merenda hoje é rica em vitaminas pra você ficar forte.

- Faz vitamina de carne, tia?

- Não, Carlinhos. A vitamina que estou falando é de outro tipo. Na cenourinha tem, no feijão tem, até na carne tem.

- Tia, quero merendar mais não.

Carlinhos volta da escola e sonha com um pedacinho de carne, prato cheio de carne, comer muita carne.

- Carlinhos, vai tomar banho que a janta tá quase pronta!

Oba! Talvez tenha carne, pensa o menino pelado dentro do banheiro.

- Mãe, cadê a carne? Só tem angu no meu prato?

- Menino, é o que tem pra comer. Carne só no fim do mês. E para com essa perguntação que não aguento mais.

- Mãe, o Lucas falou que na casa dele tem carne todo dia. No meu aniversário vou poder comer muita carne?

- Ai, menino. Que coisa. O pai do Lucas tem um açougue. Carne é bom mas é cara. Se pelo menos o filho da mãe do seu pai me ajudasse. Vou fritar um ovo e você come.

- Mãe, ovo é feito de carne?

Chega o fim do mês e após pagar todas as contas Joana vê que o dinheiro novamente não vai dar pra comprar carne.

No domingo, a mãe serve macarrão no jantar. Carlinhos pergunta, esperançoso:

- Mãe, cadê a carne? Não quero comer macarrão mais não. Cê falou que ia comprar carne, né, mãe?

- Carlinhos, deixa a mamãe te contar uma coisinha. O dinheiro da mamãe acabou e não deu pra comprar carne. Mal deu pra comprar o macarrão. Até o Veloso tá sem comida.

- Mãe, o Veloso é bicho?

- Sim, Carlinhos. Cachorro é bicho.

- O veloso é bicho igual vaca e porco?

- Sim, é, Carlinhos.

- O Veloso é bonzinho né, mãe?

- É, Carlinhos, o Veloso é bicho igual vaca, porco e é bonzinho, mas dá pra você comer sem conversar?

- Eu gosto do Veloso e de carne, mãe. Não gosto de macarrão.

- Carlinhos, come esse macarrão logo que quero ver a novela em paz.

- Mãe, posso te perguntar só mais uma coisa?

- Carlinhos, é a última pergunta. Depois disso você vai pra cama.

- Mãe, amanhã na hora da comida, a gente pode comer o Veloso?

113

CLÁUDIA NERLY TEIXEIRA MEIRELES – Auxiliar de biblioteca

ESCOLA MUNICIPAL PREFEITO OSWALDO PIERUCCETTI

Eu sou a Natureza

Socorro!

Estou morrendo!

Pior, estão me matando!

Crime culposos, pode até ser.

Peço ajuda ao mesmo que me mata,

O homem.

Antes, caçador e pescador

Depois, pastor e agricultor

Agora, predador e assassino.

Progride, progride, regride.

Polui as minhas águas, o meu ar,

Mata os meus animais,

Arranca as minhas árvores,

Cimenta a minha terra.

Peço, imploro, preciso

Que sejas o meu salvador.

Pense que, salvando a minha vida,

Salvarás a tua também.

114

Marly de Oliveira Cavalcanti – esposa de professor

Escola Municipal Professora Alice Nacif

Importa a vida morte minha tua?

Eu fico pensando se estamos falando daquilo que importa.

Afinal, o que importa?

Importa o Oceano Pacífico? Importam os ursos polares?

O que importa? Importa a Amazônia? A seca? Os mares?

Importam as montanhas, os peixes?

Importa o meu, teu alimento, minha, tua água?

Importa a minha, tua tempestade?

Meu, teu amor desamor?
Importa a minha tua parte? Meu, teu todo?
Importa a terra? O fogo? Os ventos? As águas?
Importam as queimadas? As enchentes? Terremotos? Furacões?
A vida? A morte?
Será o choro das aves que não ouvimos ou quem sabe os uivos dos lobos?
Será o grito abafado da terra nos parindo no calor de um novo começo?
Consciência? Nova? Importa?
Nesse momento digo que me importam todas essas coisas.
Meu coração bate, não posso dizer se isso...
Eu fico pensando no nosso lixo, no meu lixo, no seu lixo.
Afim, quem se importa?
Eu fico pensando que o nosso lixo importa.
Importa o saber? A experiência?
Consciência? Com ciência? Importa o que?
Importa a pedra? Importa a árvore? Importa o tigre?
Importa o Homem? O divino?
Eu fico pensando que minha pedra importa que nossa pedra importe.
Eu fico pensando que minha árvore importa que nossa árvore importe.
Eu fico pensando que meu tigre importa que nosso tigre importe.
Eu fico pensando que meu humano importa que nosso humano importe.
Eu fico pensando que meu divino importa que nosso divino importe.
Importa a ciência, com ciência, a arte minha tua, a beleza minha, tua.
Importa a Terra, nova minha tua do humano meu teu divino meu teu.
Vida morte minha tua, o preço meu teu, mente coração meu e teu.

Consciência? Com ciência? Importa o que?
Eu fico sentindo que é hora, no calor da hora, agora.

115

Marly de Oliveira Cavalcanti – esposa de professor

Escola Municipal Professora Alice Nacif

Vôo

Eu apostei no vôo do pássaro cantando o hino dos heróis
Seguindo a linha das montanhas.
Corri os olhos onde via a floresta
Com meus dedos cutucando os desejos de um céu em sonho.
Os amigos não compreendiam os meus dedos

E só viam uma árvore.
Diziam que céu não poderia jamais desejar e
Que meus dedos não poderiam cutucá-lo.
Fiquei matutando se era uma árvore ou se era uma floresta.
Fiquei observando os meus dedos e por um instante duvidei deles.
Os dias passaram, correram meses, e eu quase acreditei nessas prosas.
Até que um sabiá me disse sabiamente que não era coisa insana
Tocar o céu com dedos.
Que o céu desejava e que a floresta era também uma árvore.
Disse que só dependia de pontos de vista, isto é, de visão.
Que na verdade já teve gente assim que nem eu
Que eu era mais um entre tantos outros, víamos diferente.
Mas antes de partir em seu vôo cósmico,
O sabiá me alertou que ver essas coisas era coisa de gente
Que tem no coração os olhos.
E que meus amigos estavam vendo uma cor e eu via o arco-íris.
E nisso não há erro, há escolha.

116

Laysla Cristine Dias Pereira - 3ºciclo/ 1ºano

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Sou parte

Sou parte da natureza

Então vou protegê-la

Não desmatando

Não poluindo

E sim cuidando dela.

Vamos fazer algo diferente

Porque no futuro

Vai ser melhor

Para toda gente.

Tudo que fizer de errado hoje

Será cobrado amanhã.

Então vou pensar

Antes de fazer coisas

Que irão nos prejudicar.

Que tal preservar?

117

Victória Dias Carioca - 3ºciclo/ 1ºano

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Natureza por um instante

Natureza

Já não sei se posso chamar

Se continuar assim, um deserto vai ficar

A natureza é minha casa

Minha casa não vai mais ser

Se tudo continuar assim

Não vou poder nem crescer

Se natureza quer ver

Eu vou lhe mostrar

Sem desmatamento

Rica vai ficar

Então pense na idéia

De também reflorestar

Pra muita planta perdurar

118

Vicente Pereira dos Santos Júnior - 3ºciclo/ 1ºano

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Simples natureza

Eu sou o mundo

Eu sou o sol

Eu sou a lua

Eu sou o céu

Eu sou a terra

Eu sou o vento

Eu sou o mar

A natureza eu sou

Só terei vida

Se me preservar.

Renatho Martins Assunção

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Quatro estações

Sou a natureza

tão bonita

Sou o outono no seu olho

Cor de folhas secas

Com o azul

Eu tenho desejos

Sou a primavera

E te dou vários beijos

Se estou frio

No inverno vou te encontrar

Nos meus braços se agasalhar

Pode gripar

Sim, no verão

Calor fará

Na praia, no mar, no ar

Vou te amar.

120

Marcus Vinícius Souza Costa

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Esta é a minha natureza

Rios limpos

Em que brinco

Este texto é uma fantasia

Não fala do meu dia a dia.

121

Lorrany Caroline de Moura Silva

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Pequena flor jasmim

Quem é?

Sou a natureza

Quem deve cuidar de mim não é só Tereza

São Joanelhas, Marias, Serafins

Quem quiser saber meu nome

Dê uma volta no jardim

Veja-o escrito em tudo

Até numa pequena flor jasmim.

Mariana dos Reis Diniz

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

A natureza precisa de mim

A natureza é assim

Um dia precisa de mim

E outro dia precisa de ti.

Quase ninguém pensa nela

Explora, explora e chora

Mas ainda alguém diz :

“Vê se não destrói ali!”

Todo mundo está cansado de ouvir

“Cuide da Natureza, ela é o nosso futuro!”

Aliás, já nem sei mais como a ele chegar...

O ser humano usa e abusa

Por que não usar direito?

Se o homem faz sua parte:

Preservar,

À natureza

Vai agradar.

123

João Vitor Comini de Viterbo

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Natureza jovem

Com a natureza

Faço rima

Como um pé de lima

Algumas vezes azeda

Outras vezes tão linda

A natureza é jovem

Porque sempre se renova

Tem algumas coisas velhas

E já outras muito novas.

A natureza não pode morrer

Também não pode virar

Um deserto sem nada

Para a gente ficar.

124

Fernanda Graciele Belfort

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Natureza

Quer saber meu nome?

Observe uma rosa

Pois lá estou:

Natureza

Se de mim não cuidar

Minha beleza se perderá

Posso até lhe envenenar

Antes eu era imensa

Colorida e linda

Hoje não passo de quase nada

Por que me maltrata no dia-a-dia?

125

Felipe Miranda Silva

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Nasci entre as rosas

Eu nasci entre as rosas

Entres as rosas devo morrer

A natureza é minha casa

E nela quero viver.

Uma vida é uma árvore

A árvore é uma vida

Se não soubermos cuidar
Vida nela não mais terá

Enfim, não sei como dizer,
A natureza é parte de mim
Também pode ser um lazer

Eu nasci na floresta
Na floresta sei que não vou morrer
Se o mundo continuar assim
Nenhum índio irá sobreviver.

126

Bruna Rodrigues Cobo

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Para quem quiser saber

Quem quiser saber quem sou
Dê uma volta na mesa
Com certeza estará escrito,
Prazer, eu era parte da Natureza.

Um dia você me rejeitou
Mesmo assim eu estava lá
Agora que precisa de mim

Venha que vou lhe ajudar.

Sou sua liberdade

Seu descanso, seu encanto

Você ainda não me conhece muito bem:

Sou a Natureza

Às vezes pertenço ao mal

Às vezes pertenço ao bem.

127

Ághata Carolina Ferraz de Oliveira

ESCOLA MUNICIPAL Francisco Magalhães Gomes

Cuidem de mim

Eu sou a natureza

Paz, alegria e beleza

Mas se você de mim não cuidar

Só muita tristeza haverá

Por isso venham todos me cuidar!

Pois, sem mim,

Você não existirá.

Sou o ar que você respira

Toda noite e todo dia.

Sem mim

Na certa morrerá!

Tomem consciência

Cuidem de mim com decência!

128

Jonathan M. das Chagas Crosara – sala 2

Professora: Margarete

E. M. Antônio Aleixo

O planeta

- Oi, Carlos!

- Oi, Pedro!

- Como você está?

- Eu estou ótimo, mas tem gente que não está.

- Quem?

- O planeta Terra.

- Mas como?

- O homem está matando-a com suas queimadas e poluições.

- Ah... e por que eles não param de fazer isso?

- Eles podem parar mas agora já existe também o efeito estufa.

- Mas ele não acaba mais?

- Pode acabar, mas o homem tem que parar de matar a natureza e plantar mais árvores.

- Vamos então fazer um protesto contra o efeito estufa?

- Vamos!

- Então, nem eu nem você jogaremos lixo no chão. E se todos ajudarem, ganharemos a guerra contra o efeito estufa.

129

Jéssica Soares da Costa – sala 2

Professora: Margarete

E. M. Antônio Aleixo

O nosso planeta

Há bilhões de galáxias que podemos observar no universo. E cada uma delas contém centenas de bilhões de estrelas. Dentro de uma galáxia, perto de uma estrela, existe um pequeno planeta azul. Esse planeta é governado por bilhões de pessoas.

Essas pessoas não pensam em si mesmas como animais. E porque se consideram inteligentes, elas são os únicos animais que acham que deveriam ser felizes, como todos os outros animais simplesmente são. Mas essas pessoas fazem guerras, fazem bombas de hidrogênio e preparam o planeta para explodir.

Essas pessoas estão poluindo e saqueando seu planeta como se não houvesse amanhã; então, elas gostam de fingir que está tudo bem. Mas não está. Elas deveriam cuidar melhor do seu planeta (ele tem o nome de Terra) porque ele está todo poluído. Mas elas constroem gigantes colméias que chamam de cidades e estão acabando praticamente com toda a água potável. Elas sabem desses problemas. E não fazem nada. Elas são, ao mesmo tempo, as mais belas e as mais feias criaturas desse planeta azul.

130

Adoção

Maria Litz - ex-professora da rede municipal de BH

Sua pele, pequenina,
Tão ressecada de sede
Seu pelo branco, menina,
Cheio do barro da rua.

Sua fome expondo os ossos
Frágeis suportes da vida

Seus olhos frouxos, medrosos
Diante de toda vassoura.

Seu corpo se curva ao chão
Numa entrega suplicante
De carinho e de uma mão
Que lhe afague um pouco a fronte.

Sem saber porque agora,
Tão pequena e tão perdida,
Sua dona mais não vem
Para curar-lhe as feridas.

O meu salário é pequeno
Mas meu coração suporta
Vem aqui, pula no colo,
Estou te abrindo minha porta.

131

O pardalzinho

Maria Litz - ex-professora da rede municipal de BH

O dia tinha sido o ó do borogodó – aula, trânsito, calor insuportável, reunião e reunião (vocês já viram alguém pra fazer mais reunião do que professor?). Mas enfim a noite sempre chega com o alívio de uma brisa fresca que às vezes ainda sopra em Minas.

Eu estava sentada na cozinha, tomando um café, quando Brigitte (é uma homenagem a Brigitte Bardot, defensora dos animais) assumiu a posição de caça: o corpo alongado, quase rente ao chão, os pés delizando lentamente pelo ladrilho, orelhinhas retesadas pra trás, olhos fixos em algo que se debatia contra o teto. Saltei e peguei-a a tempo de evitar que usasse sua estratégia rotineira: um pulo retilíneo na tampa da máquina de lavar, uma escalada à unha pela roupa a secar e, se equilibrando como uma malabarista no varal de teto, a caça aos mosquitinhos que dançam freneticamente em torno da lâmpada. Mas nesse dia a presa era mais atraente: um pardalzinho que tinha entrado não sei porque cargas d'água, em plena noite, pela janela aberta da área de lavar roupa. Botei a gatinha pra fora, fechei a porta da cozinha e fiquei olhando o passarinho:

- Você é louco, rapaz... nessa casa tem nove gatos! O que veio fazer aqui a essa hora?

E ele muito tranquilo, voava por ali, sem demonstrar medo de mim.

Tinha que agir rápido, ele não acharia o ninho naquela escuridão. Fechei a janela da cozinha e, quando me virei, ele estava bebericando umas gotinhas de café no tampo da

mesa. Sede! Coloquei água num pires, moí pedaços de sucrilho entre os dedos e deixei tudo em cima da máquina de lavar:

- Você vai passar a noite aqui, amanhã cedo te solto!

E ele me olhando do alto do varal, revoando sossegado, pipilando. Seria um bichinho de gaiola?

Quando saí da cozinha, Preta, Capitu e Tatarana já estavam felinamente acocorados diante da porta, farejando silenciosos e atentos, esperando uma chance. Coloquei um aviso:

Cuidado ao abrir esta porta.

Passarinho preso na cozinha.

Não deixe gato entrar!

E minha filha, prevendo o futuro:

- Meu Deus, como vamos adotar um passarinho com tanto gato nessa casa?

E meu filho, chegando tarde do futebol:

- Ele vai voar desesperado a noite toda, bater nas paredes e morrer.

Os conflitos da Faixa de Gaza ameaçavam se estender por todo o Oriente Médio, quando uma coisa chamada cansaço e outra chamada sono nocautearam a todos, aves, felinos e humanos.

Acordei às 6 da matina e fui direto pra cozinha. Custei a achar o pardalzinho, encarapitado no varal. Quando me viu, acabou de acordar e deu umas voadinhas pela cozinha, pipilando. Abri a janela da área:

- Meu filho, é melhor você ir embora. Sua vida nessa casa vai ser um inferno: preso numa gaiola, com 9 gatos tentando te comer...

Deu uns pulinhos de banda pelo chão e pela mesa, pipilou, catou algum alimento invisível pra meus olhos sem óculos. Voltou ao varal e cantou um canto matutino, viril e alegre, como se agradecesse a estadia. Deu uma olhada pro meu lado (pra mim?):

- Você não quer ir embora não? Quer viver aqui? Você não tem juízo, rapazinho...

De repente, ele não estava mais lá. Tinha voado para o telhado mais baixo do vizinho e pude vê-lo no beiral, entre as pombas, olhando pra um lado e outro, a cabecinha rápida se virando. Daí, passou por ele outro pardal, num vôo rasante que o desafiou a segui-lo, por entre os telhados, como uma flecha disparada na direção do sol.

Brigite miava querendo colo. Fiz-lhe um carinho e fui escovar os dentes.